

## 'MEKHANTROPIA': AUTOCONHECIMENTO E RESISTÊNCIA POR ELOS NARRATIVOS DISPERSAMENTE CONECTADOS.

*'MEKHANTROPIA': SELF-KNOWLEDGE AND RESISTANCE BY NARRATIVE LINKS DISPERSALLY CONNECTED.*

**Frederico Carvalho Felipe / UFG**

---

### RESUMO

As identidades estão atualmente conectadas à rede e, por consequência, mais passíveis de hibridizações. Os fluxos telemáticos e a institucionalização da produtividade de forma quantificada geram angústias nos indivíduos. Aqueles que não se enquadram nas normas institucionalizadas se deslocam à estranheza, que já não vem apenas de fora, mas sobretudo, de dentro por meio de aspectos psicoemocionais. Proponho com esse trabalho refletir sobre formas como lidamos com a tecnologia, na busca por processos criativos para produzir uma série audiovisual que represente experiências qualitativas em tempos de alta dispersão humana por conta da pandemia de COVID-19. Tento trazer, por meio da poética da obra *MekHanTropia*, meios que contribuam para uma resistência *anti-mekHanTrópica* colaborativa, pela arte independente, contra o obscurantismo institucionalizado.

**Palavras-chave:** Representação. Audiovisual. Tecnologia. Resistência. Pandemia.

### ABSTRACT

*Identities are currently connected to the web and, as a result, more susceptible to hybridization. Telematic flows and the institutionalization of productivity in a quantified ways generate anguish in individuals. Those who don't fit the institutionalized norms moves to the 'strangeness' that no longer comes only from the outside, but, above all, from the inside through psycho-emotional aspects. Thus, I propose with this work to reflect about the ways we deal with technology, in search of a concept and creative process to produce an audiovisual work that represents qualitative experiences in times of human dispersion due to the pandemic. The intention is to bring out, through the poetics and methods of the *MekHanTropia* work, ways that contribute to *anti-mekHanTropic* collaborative resistance by underground art against institutionalized obscurantism.*

**Keywords:** Representation. Audiovisual. Technology. Resistance. Pandemic.

Em um programa de Arte e Cultura Visual, há uma interrelação entre o conhecimento científico sobre a ótica da arte, dos estudos culturais, da filosofia, da educação e diversos outros imbricamentos com áreas e campos epistemológicos afins. A construção do saber se dá pelo atrelamento crítico entre pesquisa, escrita e prática artística, em um movimento que flui em todas essas direções e se estabelece em fenômenos de integração constante entre o quadro teórico, o método e o resultado prático artístico, sem esquivar, todavia, de outros pontos importantes que transbordem e operem no curso da pesquisa, como coloca a pesquisadora Irene Tourinho (2012):

Fica aparente (...) uma interdependência entre pesquisa e método. Mais que isso, esta posição sinaliza uma atenção para diversas interdependências que atuam no desenvolvimento de uma pesquisa, quais sejam, entre pesquisador(a) e o referencial epistemológico que reúne e elabora para sustentar sua busca, entre o quadro teórico e o método que orientará o processo, entre os procedimentos metodológicos, as questões de pesquisa e o 'temperamento' do(a) pesquisador(a) e, ainda, entre referencial teórico, questões, método, participantes/colaboradores e contexto de realização do estudo. (TOURINHO, 2012, p. 234)

Assim, ao me situar na linha de pesquisa *Poéticas Artísticas e Processos de Criação* desse programa de doutoramento da UFG, vejo como fundamental a integração íntima entre a escrita e a produção prática desenvolvida neste percurso, além de todo o repertório subjetivo que trago e me ajuda a conduzir o trabalho explorando dimensões socioculturais do "olhar". Diversas leituras, diálogos e elucubrações durante esse início de trajeto me acenderam perspectivas essenciais para a pesquisa e me apontam caminhos pujantes a seguir, levando em conta que somos nós que damos "vida" às imagens com nossas subjetividades.

### **A lenda do Cão Breu e a ideia de MekHanTropia**

O nome "Cão Breu" remete etimologicamente ao "demônio" e à "sombra"<sup>ii</sup>. Circunscrita oralmente ao ambiente interiorano brasileiro, a lenda tematiza o encontro súbito com um cão negro de olhos flamejantes anunciador de tragédia, proveniente da personificação da culpa e medos obscuros.

Este ser sobrenatural vem sendo criado audiovisualmente em meu trabalho. Viso tratar as sombras e seus processos de significação em uma narrativa intitulada *MekHanTropia*, contestando padronizações sociais com um olhar interior voltado ao autoconhecimento e autotransformação.

A proposta é a produção de uma série audiovisual com dez episódios, contendo dez roteiristas diferentes que escreverão suas narrativas baseadas nas canções que integram o álbum *MekHanTropia*<sup>iii</sup> de minha autoria. Na obra busco tratar a representação de percalços emocionais de uma sociedade cujo uso (já excessivo) de tecnologia é acentuado por uma pandemia e por governos excludentes, negligentes, obscurantistas, ecocidas e negacionistas da ciência.

O álbum parte das “trevas” para a “luz”, em um processo de autoconhecimento e olhar à própria sombra. Ao reconhecer e buscar entender nossos próprios sentimentos e ações, podemos transmutar, ressignificar a realidade e de alguma forma evoluir nossa existência. As primeiras faixas apresentam um contexto de dominação *MekHanTrópica*, evidenciando nas músicas e nas letras sensações de ódio, medo, angústia, horror e solidão por meio de uma necropolítica<sup>iv</sup> nefasta institucionalizada. À medida que o álbum transcorre, nota-se um processo de transformação e consciência (ter ciência), lançando luz e buscando compreender o “agora” para maior harmonia consigo mesmo. O álbum se finda em uma proposta poética de resistência *anti-mekHanTrópica*.

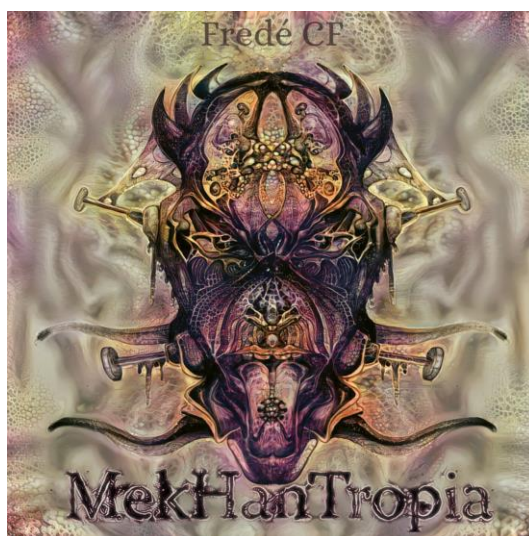


Figura 1. Capa do Álbum “MekHanTropia” de Fredé CF, 2020. Desenho, 12 x 12 cm. Arte: Edgar Franco.

O álbum *MekHanTropia* foi todo produzido, gravado e mixado pelo smartphone em minha condição de confinamento durante a pandemia de COVID-19. Todo captado

com o microfone do fone de ouvido, tem as letras e músicas realizadas por mim em uma produção D.I.Y.<sup>v</sup> autoral. As parcerias são fundamentais quando se trata de arte independente de resistência contracultural. Além da seleção de roteiristas que está sendo convocada para a roteirização e produção da série, o disco foi lançado em parceria importante com o selo *underground TBonTB*<sup>vi</sup> e conta com arte (Figura 1) e encarte feitos pelo artista e professor Dr. Edgar Franco (a.k.a. Ciberpajé), que teve também participação em faixas com aforismos, vocais e sons psicodélicos.

Sobre a arte da capa, Edgar Franco relata que se inspirou no universo ficcional de *MekHanTropia* e buscou representar o contexto de trevas que vivemos. Segundo o autor, “a criatura da capa metaforiza esse humano simiesco, globalmente conectado mas ainda servil; transgênico, mas arcaico; pós-biológico, mas pré-histórico.”<sup>vii</sup> O artista incorpora alguns detalhes de nosso contexto atual, trazendo à tona elementos que fundam o conceito aqui apresentado, como um vírus na ponta da língua da criatura em referência ao COVID-19 e o controle cerebral exercido por pequenos seres em seu cérebro, que remetem à falta de liberdade e padronização de pensamentos e emoções.

Ciberpajé explicita em seu relato escolhas criativas de elementos formais constituintes da imagem. Ao buscar criar paradoxos a partir das formas, texturas e cores escolhidas para o desenho – o roxo/lilás e o amarelo como cores opostas e complementares no círculo cromático –, destaca dicotomias levantadas poeticamente pelas faixas do álbum, evidenciando a busca por autoconhecimento e empatia como resistência.

O vínculo de minha pesquisa à representação de estados psicoemocionais emergentes enquanto patologias nos tempos atuais – acentuados pela pandemia que passamos, confinados e dependentes cada vez mais das tecnologias –, aparece na obra enquanto resignificação de sentimentos que me assolam, trazendo fôlego em um processo de autocura pela arte, na qual a manipulação de signos em diferentes linguagens ajuda a colocar pra fora um pouco do que fica engasgado, em uma relação *qualitativa* com a vida e as relações sociais, e não de *quantificação* e hiperprodutividade, como institui e incentiva o *status quo*.

Tais ideias convergem com o pensamento de Byung-Chul Han (2017)<sup>viii</sup> no que tange a passagem de uma “Sociedade Disciplinar” (baseada na negatividade do “dever”) para uma “Sociedade de Desempenho” (baseada na positividade do “tudo poder”<sup>ix</sup>). Segundo Han, o indivíduo atual “explora a si mesmo deliberadamente. É agressor e vítima ao mesmo tempo” (2017, p. 28). Uma espécie de autoflagelação funcional

grotesca que pode ser transferida e ressignificada de maneira a melhor fluir por diferentes linguagens por meio da prática artística. Deve-se atentar que o “estranho”, à luz de Bauman<sup>x</sup> e Freud<sup>xi</sup>, agora não vem só de fora, mas também de dentro. E uma das formas de lidar com esse “estranho” é pela arte, transmutando a realidade ordinária e ressignificando as sombras que nos assombram.

Os anseios da segunda metade do século XX, relativos às ideias de liberdade, paz, amor e combate às censuras, foram transformados na virada do século. Deram lugar a uma sociedade que já não se prende tanto a valores de instituições disciplinares restritivas e punitivas – à luz de Foucault<sup>xii</sup> –, mas, diferentemente, vive internamente sob intensa vigia a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais e da imanência da positividade. Antes da pandemia nos assolar, vivíamos de forma irrestrita. Agora, subitamente confinados, entramos em contradição com esse ideal que nos acalentava ilusoriamente.

Tais fenômenos são determinantes para a ascensão de uma violência sistêmica contra a essência do sujeito enquanto ser natural e social. Adoecem e matam aos poucos o indivíduo, gerando novas angústias e conflitos patológicos psicoemocionais, como o TDAH, a depressão e o *Burnout*. Essas transformações e mudanças de “configuração” referentes ao ser humano são cruciais para compreender as vicissitudes artísticas e sociais que aqui tento amarrar enquanto conceito. Segundo Han:

a lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*. (...) A queda da instância dominadora não leva a liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. (...) O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma autoexploração do *outro*, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. (HAN, 2017, p. 29)

Vemos agora quiçá o declínio de um sonho de liberdade e um blefe de que vivemos em tempos de maior livre-arbítrio. Há uma alteração induzida dos modos como lidamos e vemos o mundo. Uma inversão de valores acerca de quem somos/éramos em essência frente uma (sub)existência servil e controlada decorrente de nossa atual relação com o sistema neoliberal institucionalizado e suas ferramentas tecnológicas de controle voluntário cada vez mais eficazes.

Tal pensamento induz à uma condição de renúncia a nós mesmos enquanto animais orgânicos, direcionando-nos a uma *MekHanTropia* adocida, em uma cultura que



centra sua intenção narrativa sobre o imaginário coletivo na ideia de superação de metas, produtividade e desenvolvimento econômico, esquecendo os limites naturais e as consequências que tudo isso causa. A atual pandemia evidencia tais aspectos e acentua as dispersões de humanismo que ainda nos restam. Devido às possibilidades de contágio, são aniquilados encontros e afetos presenciais; estipulados limites rígidos de contato; e determinadas relações mais intensas de dependência entre as pessoas e as máquinas. Tudo ainda incentivado visando a ideia de quantificação da produtividade, sufocando valores qualitativos que formam o indivíduo em sua unicidade.

O termo *MekHanTropia* vem sendo desenvolvido e aprofundado enquanto conceito no intuito de explorar a representação para o processo de transformação do *Homem (antropo)* em *Máquina (mekhos)*. Esse conceito visa nossas relações sociais e também com o meio natural, aproximando-o ao conceito de *misanthropia* – aversão ao ser humano e à natureza humana de forma geral ou a falta de sociabilidade – bem como as dispersões causadas pela tecnologia.

Um *MekHanTropo* seria um tipo de *ciborgue* destruidor da vida natural (orgânica) e a *MekHanTropia* uma indução (ou intenção) causada pelo *status quo* para o indivíduo se tornar, ludibriadamente ou não, um *MekHanTropo*. Esta situação traria recompensas ilusórias sobre um futuro de falsa utopia, pois, ao invés de harmonizar-nos com o meio e com o domínio das técnicas, se basearia no luxo, lucro e bens materiais, o que o torna, de fato, uma distopia<sup>xiii</sup> causada pela vaidade do *MekHanTropo*, que abdica de sua vida e se metamorfoseia em engrenagem de aniquilação a serviço de um sistema seco, sem vida. A palavra "Han" surge no interior da expressão, como uma homenagem ao pensador "HAN, Byung-Chul", crucial para essas reflexões.

Cada vez mais nos distanciamos uns dos outros e de nossa essência enquanto bicho. Mesmo conectados globalmente pela rede telemática, nos desconectamos qualitativamente de nós mesmos e do nosso habitat. Somos aprisionados voluntariamente ao sistema institucional por meio de falsas "bolhas" de aceitação e aprovação, que induzem ao consumo e à alienação. Ignorantes frente as nossas sombras e com conexões vazias, nos perdemos em nossa vaidade e menosprezamos a importância de cizânias enquanto válvulas de reflexão em nossas vidas. Pior que nos desconectarmos é a consequência que isso gera. Nos aniquilamos diante de falsas promessas de felicidade fundamentadas no "ter" acima do "ser" pelo universo da publicidade e das redes sociais, que institucionalizam "regimes de verdades" sociais exploratórios, egoístas, estereotipados e intolerantes.

Segundo Maria Rita Kehl<sup>xiv</sup>, como humanos dependemos, desde filhotes, da relação com o “Outro”. Estamos condicionados à esta relação e ela permeia nossa vida social, em especial na maneira como lidamos com o tempo.

O tempo é uma construção social. Toda ordem social é marcada, à sua maneira, pelo controle do tempo; essa talvez seja a face mais invisível e mais onipresente do poder (...) A inclusão da dimensão temporal, sob a forma subjetiva da *espera* de satisfação, marca a origem do sujeito psíquico. (KEHL, 2015, p.111).

Kehl salienta que, enquanto bebês, dependemos do tempo do “Outro” para satisfação de nossas necessidades e desejos. Não temos controle, desde cedo, sobre nossa relação com o tempo, o que de certa forma nos condiciona para uma percepção lograda de nós mesmos. Essa relação com o tempo e com o “Outro” é característica da psiquê humana no que se refere às memórias, imaginação, cognição e fantasia. Tais significações, referências e intencionalidades se dão mais pelo aspecto temporal que espacial, ao contrário de nossa percepção sensorial.

Tendo em vista que hoje em dia, conectados à rede telemática, cada vez mais temos as coisas em excesso (exceto o tempo), busco direcionar – por meio da arte e da pesquisa – tais reflexões sobre a existência, para como essas interações interferem em nossa experiência psíquica e social.

Nesse sentido, adentro aos conceitos de alteridade, conectividade, identidade, fragmentação, globalização e interculturalidade, acessando ponderações geradas por Márcio Seligmann-Silva<sup>xv</sup> que abarcam tais preocupações acerca das percepções sobre o mundo e as relações que estabelecemos socialmente em um contexto amplamente digital, bem como essas “dispersões” camufladas como “conexões”:

Hoje em dia (...) na era ‘pós-trabalho’, a figura das massas foi diluída: a televisão já anunciava esse movimento que agora se concretiza com a internet. (...) Agora o indivíduo está ‘conectado’ sem sair do seu lugar. Assim traça-se também novamente a linha de demarcação entre as esferas privada e pública. Em termos da rede, tal linha praticamente não existe mais. (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 21)

A partir das relações macropolíticas estabelecidas em cotidianos micro-ordinários de nossas vidas, observo e (re)apresento ao mundo um olhar artístico acerca do que temo e do que reconheço como vestígios do devir, por meio de uma presentificação e transcendência (trans)temporal da realidade estabelecida pelos elos dispersos unidos por imagens e sons ao conceito proposto. Assim vislumbro poeticamente um

futuro construído a partir de referências do (e no) presente e passado. Jacques Rancière<sup>xvi</sup> observa que:

O artista (...) viaja nos labirintos ou nos subsolos do mundo social. Ele recolhe os vestígios e transcreve (...) na configuração mesma das coisas obscuras ou triviais. Devolve aos detalhes insignificantes da prosa do mundo sua dupla potência poética e significativa. (RANCIÈRE, 2009, p. 36)

Todavia, é importante ver a utilização da tecnologia em nossa sociedade por diversos pontos de vista, não condenando seu uso a uma restrita ferramenta distópica de controle que irá extinguir a humanidade, mas buscando meios de empregá-la como instrumento de propagação e voz de resistência artística, descolonizando o olhar, contrapondo padronizações e (pré)concepções formais institucionalizadas, fugindo de reducionismos e pensando em novas maneiras para seu uso na construção poética, no processo criativo, na narrativa e na distribuição de obras de arte em desafio ao poder regente.

Pela internet, nesses tempos de confinamento, consigo atingir um público mais amplo e colho depoimentos, análises e impressões de diferentes espectadores da obra, com intuito de (re)pensar conceitos para a série a partir das diversas experiências e conexões estabelecidas com essas pessoas. Essas relações expandem meu processo criativo a novas articulações, possibilitando novas ideias e rumos para a criação. Busco assim compreender *o que se representa antes do que é representado* atualmente. Para isso, é fundamental transitar o olhar por diferentes dimensões narrativas e do imaginário, desvendando e refletindo sobre como lidamos com as ideias dos tempos e dos espaços, especialmente nas relações entre nós mesmos e os “outros”.

A intenção é “tomar de assalto” a tecnologia e aliá-la ao audiovisual como forma de autodefesa e representatividade de aspectos relacionados à identidade, à memória, à cultura, ao pertencimento, à diversidade, ao autoconhecimento, ao direito de olhar e de ser visto<sup>xvii</sup>. Fenômenos estes que, muitas vezes, são oprimidos e que carregam importantes aspectos de nossa subjetividade.

### **Construções poéticas e processos criativos**

O audiovisual é um meio e linguagem artística de representação em constante ascensão em nossa era. Possibilita, aliado à rede telemática, inúmeras articulações, comunicações e penetrações em tempos e espaços. Está cada vez mais fácil produzir, consumir e distribuir conteúdos audiovisuais e discursos pela rede.



Busco, nesse sentido, por relações contranarrativas que se dão entre os nossos sentidos, nossa imaginação, nossas memórias e os dispositivos midiáticos audiovisuais atuais. Não apenas na intencionalidade do que fazemos com as tecnologias, mas, sobretudo, no que elas fazem conosco e no que isso pode trazer de consequência. A criação artística associada ao ambiente virtual gera contextos de performance, imersão e interatividade altamente imprevisíveis, provocando infinitas possibilidades de construção de narrativas e universos ficcionais conectados esteticamente e conceitualmente a significações do conteúdo.

Penso sobre imagens mentais que eclodem de sons em contato com diferentes imaginários e tento dar novas formas contraculturais a isso. Assim, minha pesquisa segue um novo direcionamento desde o lançamento do álbum musical já citado. Essencialmente pelo processo de produção *do it yourself* do álbum e dos videoclipes como ponto de partida para a roteirização da série, em um movimento antissistema fonográfico no qual uso as tecnologias e as relações humanas para resistir e tentar romper com padrões mercadológicos de produção e estetização artística.

Os diálogos polissêmicos que a internet possibilita tecer, nesse contexto disperso de confinamento, com diferentes ouvintes e, conseqüentemente, imaginários que entram em contato com o conceito estreado com o álbum, estabelecem infinitas ligações entre os elementos da obra. Essas conexões interpretativas são provocadas subjetivamente pelas sonoridades e visualidades presentes, que desembocam em uma *antologia audiovisual seriada*, que se encontra em processo de produção e intenta abarcar diferentes roteiristas para os episódios. Essa frente audiovisual de resistência foi nomeada como *Confraria Anti-Mekhantrópica* e opera através de múltiplos olhares e reflexões sobre o termo *MekHanTropia*. A diversidade de linguagens e interpretações como agente de intertextualidades na poética da obra, tanto de maneira formal (do termo às músicas; das músicas ao álbum; do álbum aos roteiros; dos roteiros à série), quanto conceitual (pela multiplicidade de vozes e olhares presentes).

O intuito é que as pessoas convidadas se baseiem nas faixas do álbum para escrever um episódio em formato de curta-metragem da série. Os dez episódios serão independentes enquanto narrativa não-sequencial dentro da série, porém se articulando à ideia de *MekHanTropia* (intrínseca à toda a obra e elo conceitual de ligação, condução e conexão entre os episódios dispersos).

Essa *Antologia Audiovisual* será organizada por mim enquanto *showrunner*<sup>xviii</sup>, trazendo reflexões acerca de uma autoria coletiva, dispersa e participativa em uma

proposta de concepção, produção e distribuição da obra com baixíssimo custo, contestando padrões operacionais do mercado pelo processo criativo e com um olhar *anti-uberização* da arte.

É importante evidenciar que universos ficcionais trazem imbricadas alegorias sobre os contextos que vivemos a partir da fantasia das representações<sup>xix</sup>. Assim, o episódio piloto contará a história de Valdez, um falso guru chileno radicado no Brasil que se apaixona por Carmen, uma cigana, artista e revolucionária que desaparece na Chapada dos Veadeiros. Esse fato, aliado ao sucessivo confinamento causado por uma pandemia e um golpe militar-neoliberal-neopentecostal estabelecido, provoca transformações nas percepções do protagonista, envolvendo-o em experiências transcendentais que abarcam seres fantásticos, de outras dimensões, lendários/mitológicos, viagens pelo tempo e espaço, visões e vivências extraordinárias.

O olhar do protagonista é convocado ao seu interior, visando a (auto)transformação de seus caminhos e a fuga da *MekHanTropia* institucionalizada. Essa busca estabelece relações profundas com o animal interior do personagem, colocando em perspectiva sua conexão com a figura lendária do *Cão Breu* como meio de não cooptação, uma espécie de força metafísica oriunda do processo de autoconhecimento. Os demais episódios, aparentemente dispersos, surgem então interligados como parte do imaginário dos personagens apresentados em distintas dimensões espaço-temporais.

Utilizo esse primeiro episódio para introduzir uma estética correspondente ao conceito da obra, destacando certas características para estabelecer conexões formais e desenvolver o percurso da narrativa. Tais conexões já começaram a ser criadas com a produção de videoclipes com imagens de arquivo guardadas e com novas tomadas feitas em casa durante os tempos de confinamento, bem como com a produção do álbum já citado.

As narrativas partem de elos dispersos a priori, como episódios fechados pela montagem e por diferentes roteiristas, além de incursões oníricas configuradas sob a linguagem de videoclipe. Porém, no decorrer da obra tudo se articula ao conceito iniciado com o álbum musical. Nos referidos videoclipes já realizados, utilizo efeitos e distorções formais de luz, sombra e cor com a intencionalidade de representar determinados estados mentais dos personagens, bem como os cortes e transições para estabelecer significações sequenciais pelo “efeito kuleshov”<sup>xx</sup>.

A posteriori, as narrativas se conectarão em um movimento mais amplo de significação por contrastes cromáticos e de luz/sombra em diferentes elos narrativos (álbum musical, videocliques, episódios da série, legendas dos vídeos, tese de doutorado), evidenciando, formalmente nas *mise-en-scènes*, os fluxos e conexões poéticas pretendidas.

As cores compõem um aspecto importante nas representações de aspectos psíquicos e emocionais de toda a obra em sua multiplicidade de linguagens, além de servirem como referência para que as “dispersões” sejam ligadas esteticamente na formação da narrativa. O azul utilizado no videoclipe *MekHanTropia*<sup>xxi</sup> dialoga de forma análoga com o roxo da capa do álbum, representando uma ideia de solidão e tristeza e também como um sonho do personagem na série. No videoclipe *Ao Amanhecer*<sup>xxii</sup>, elementos como a lhama, o pião rodando, as paisagens, os cenários e os vazios, remetem às memórias da infância do personagem e a transcendência de percepções destacadas pelos movimentos cromáticos e formais estabelecidos.

Existem ecos da corrente expressionista, pela forma como lido com esses elementos formais, pela intensidade de contrastes visuais e atualização da carga simbólica que, contextualmente, representa eras de terror e angústias afloradas, como a primeira metade do século XX e o momento atual. Recorro também a aspectos do surrealismo pela condução narrativa, pela montagem, pela organização da série e pelo tratamento onírico-psicodélico das imagens com a rede neural *Deep Dream*<sup>xxiii</sup>. Desta forma, tento cultivar elementos referentes a estados perceptivos e imaginários como vetores de transformação de realidades, além de adentrar em diferentes dimensões temporais e espaciais como metáforas para processos mentais.

Os vídeos<sup>xxiv</sup> trazem em suas descrições pequenos trechos escritos dos chamados “Diários de Quarentena” do personagem Valdez<sup>xxv</sup>, já como um índice da narrativa seriada e fragmentada. Esses trechos indicam uma dispersão narrativa, articulando sob a lógica onírica, os encaixes poéticos no imaginário entre as linguagens trafegadas. Tal dispersão estabelece assim elos temporais de fluidez e transconexões mentais entre os universos dos personagens e o de nossa realidade ordinária. Os elos são pontos cruciais de minha poética de resistência aos padrões lineares narrativos e já começam a aparecer nessas primeiras criações relacionadas ao conceito, como evidenciado na descrição do videoclipe *Tentando explicar o óbvio*<sup>xxvi</sup>, quando Valdez relata uma conversa que teve com Carmen.<sup>xxvii</sup>

Por fim, foco sobretudo em exaltar o que há ainda de humano em nossas relações, buscando incorporar e articular diversos imaginários em uma narrativa ficcional que

segue transmutando suas configurações na busca por autoconhecimento, sob a ótica da (re)existência (qualitativa) e não da mera produtividade (quantificada).

Entre apocalípticos e integrados, a saída *anti-mekHanTrópica* talvez se dê por criações subjetivas em consonância com um maior equilíbrio interior. De dentro pra fora, tentar compreender e lançar luz em processos que fazem parte de nós mesmos e nos tornam únicos no mundo, para que assim possamos evoluir àquilo que almejamos *Ser* e ressignificar aspectos sombrios que nos integram. Vislumbro, como esperança de resistência baseada na inversão da lógica do sistema acerca das relações humanas, movimentações em direção a “conexões” camufladas de “dispersões”. A produção de conhecimento acadêmico e artístico são ótimos caminhos para isso, em uma relação dialógica e polissêmica entre teoria e prática de forma crítica.

## Notas

---

<sup>i</sup> TOURINHO, Irene. *Imagens, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas*. In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Org.). *Culturas das Imagens – desafios para a arte e para a educação*. 1ed. Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2012, v., p. 231-252.

<sup>ii</sup> “As pragas dos cães e a correspondente ameaça da raiva também foram conhecidas por terem afetado as primeiras sociedades. Dentro de um contexto islâmico, foi isto o que levou a um decreto do profeta Maomé para selar o destino do cão, especialmente se ele era de cor preta: ‘O cão preto é o diabo ... Mate todos cujo o preto é a única cor.’” Ver: RAPHAEL, M. G. *From myth to intention: the history of black dog as a label for depression*. Online. Disponível em: <http://www.blackdoginstitute.org.au/media/eventscal/index.cfm>

<sup>iii</sup> O álbum *MekHanTropia*, lançado em 26/06/2020, bem como os vídeos produzidos de suas músicas, foram todos gravados e produzidos pelo *smartphone* (captação, *samplers*, mixagem, masterização, tratamento e edição de som e imagens e finalização) com os aplicativos *Hokusai 2*, *Music Maker*, *Audioconvert* e *Videoleap*. O álbum está disponível para streaming e download gratuito em: <https://fredefoak.bandcamp.com/releases> Acesso em 21/07/2020.

<sup>iv</sup> Ver: MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Arte & Ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ*, n. 32, 2017, pp. 123-151. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993> Acesso em 21/07/2020.

<sup>v</sup> *Do it yourself*, do inglês “faça você mesmo” (Tradução nossa).

<sup>vi</sup> *Two Beers or not Two Beers: Selo underground goianiense capitaneado pelo filósofo Wander Segundo*.

<sup>vii</sup> “Na arte da capa busco amalgamar o contexto conceitual transumano do universo ficcional de *MekHanTropia* ao momento dramático que experienciamos no planeta, somando o total colapso do progressismo, da biosfera e das múltiplas diversidades. A criatura da capa metaforiza esse humano simiesco, globalmente conectado, mas ainda servil, transgênico, mas arcaico, pós-biológico, mas pré-histórico. Alguns detalhes como a língua para fora com um vírus em sua ponta e o controle cerebral de pequenas criaturas humanoides traduzem o rico conteúdo poético das canções do álbum. As cores e texturas criam paradoxos, pois os lilases/roxos insistem em tratar da busca transcendente que é um dos focos das letras, mas ao mesmo tempo contrastam com o niilismo intrínseco de fim de era que emana de cada verso de *MekHanTropia*.” (FRANCO, Edgar. *A arte do Ciberpajé*. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2020/06/lancamento-mekhantropia-ciberpaje-cria.html> Acesso em 21/07/2020)

<sup>viii</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

<sup>ix</sup> Referência ao slogan de campanha do presidente estadunidense Barak Obama: *Yes, we can!*

<sup>x</sup> Ver: BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

<sup>xi</sup> Ver: FREUD, Sigmund. *The Uncanny*. (2013). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/70384778/Freud-Das-Unheimliche-1919-O-Estranho>

<sup>xii</sup> Ver: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

- <sup>xiii</sup> “as distopias seriam utopias às avessas, ou seja, más utopias, sociedades imaginárias nas quais as condições de existência são muito piores do que aquelas que vigoram nas sociedades reais.” (MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. In: Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, jan./dez. 2017.)
- <sup>xiv</sup> KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2015.
- <sup>xv</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2018.
- <sup>xvi</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.
- <sup>xvii</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *O direito a olhar*. ETD. Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016.
- <sup>xviii</sup> Geralmente o *showrunner* é o criador da série, que tem a redação final dos roteiros e adequação das ideias ao conceito proposto. Ver: RODRIGUES, Sonia. *Como escrever séries: Roteiro a partir dos maiores sucessos da TV*. Independently published, 2018. Disponível em: <https://www.orelhadelivro.com.br/livros/674931/como-escrever-series/> Acesso em 26/07/2020.
- <sup>xix</sup> Ver: SAER, Juan José. *O conceito de ficção*. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 8, julho de 2012. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/download/pdf/TraducaoSaer-versaofinal.pdf> Acesso em 25/07/2020.
- <sup>xx</sup> Teoria e experimento do cineasta e pensador russo Lev Kuleshov, sobre as intencionalidades na montagem cinematográfica. Veja a explicação sobre o experimento no site da Academia Internacional de Cinema (AIC): <https://www.aicinema.com.br/efeito-kuleshov/> Acesso em 22/07/2020.
- <sup>xxi</sup> Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yQtOkUvuBkQ> Acesso em 11/06/2020.
- <sup>xxii</sup> Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VjBH9zDx98> Acesso em 11/06/2020.
- <sup>xxiii</sup> O *Deep Dream* é um programa de computador criado por Alexander Mordvintsev, que usa uma rede neural convolucional para encontrar e aprimorar padrões em imagens via pareidolia algorítmica, criando assim uma aparência alucinogênica de sonho nas imagens deliberadamente super processadas. Saiba mais em: <https://deepdreamgenerator.com/> Acesso em 22/07/2020.
- <sup>xxiv</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/fredcfelipe/videos> Acesso em: 21/07/2020.
- <sup>xxv</sup> “Esse relato é de antes de tudo acontecer. De antes de tudo sucumbir. De quando ainda havia a estabilidade de um sistema completamente instável. Caótico. De quando o silêncio ainda não havia dominado por completo.” (Texto-descrição disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yQtOkUvuBkQ> Acesso em 11/06/2020).
- <sup>xxvi</sup> Videoclipe disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY> Acesso em 11/06/2020.
- <sup>xxvii</sup> “É preciso enxergar e ir além. Além do ordinário. Além da prisão sufocante das redes telemáticas. Estou trabalhando em um projeto de resistência anti-mekHanTrópica, pra enfrentar todo esse obscurantismo e negacionismo que presenciamos nesses tempos nefastos de trevas. (Texto-descrição disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY> Acesso em 11/06/2020).

## Referências

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2018.

TOURINHO, Irene. *Imagens, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas*. In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Org.). **Culturas das Imagens – desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria (RS): Ed. UFSM, 2012.



---

**Frederico Carvalho Felipe**

Artista multimídia (a.k.a. Fredé CF). Doutorando em Arte e Cultura Visual pela UFG. Graduado em Relações Internacionais pela PUC-GO (2004). Especialista em Cinema pela Faculdade Cambury (2007). Mestre em Arte e Cultura Visual pela UFG (2015). Professor universitário de Fotografia e Audiovisual na UniAraguaia e de Filosofia e L.I.V. (Laboratório Inteligência de Vida) no Colégio Victória Figueiredo. Tem experiência prática na área de artes, audiovisual, fotografia, música e eventos. Contato: fredcfelipe@gmail.com